



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

BEATRIZ MEDEIROS WAGNER DA ROCHA

**UMA ILHA DE MEMÓRIAS:
FLORIANÓPOLIS DE ONTEM COM AS LEMBRANÇAS DE HOJE**

Palhoça

2018

BEATRIZ MEDEIROS WAGNER DA ROCHA

**UMA ILHA DE MEMÓRIAS:
FLORIANÓPOLIS DE ONTEM COM AS LEMBRANÇAS DE HOJE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de bacharela.

Orientador: Raquel Wandelli Loth, Dra.

Palhoça
2018

BEATRIZ MEDEIROS WAGNER DA ROCHA

**UMA ILHA DE MEMÓRIAS:
FLORIANÓPOLIS DE ONTEM COM AS LEMBRANÇAS DE HOJE**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de bacharela e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 12 de dezembro de 2018.

Dedico este trabalho à Florianópolis, a ilha da magia, que há anos, através de personagens anônimos e célebres, constrói uma história que serviu de inspiração para o meu livro reportagem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha família: meu irmão Murilo, minha tia Gerusa e minha prima Angel, meus avós Geraldo e Natália, e em especial à minha mãe Maria José, que sempre foi e sempre será o meu norte, meu porto seguro e a minha maior inspiração. Obrigada pela vida e por toda a força que você sempre me deu, obrigada por estar presente em todos os momentos da minha vida, fossem eles bons ou ruins, obrigada principalmente por me apoiar nos meus sonhos, mesmo que não os compreendesse, enfim, obrigada por absolutamente tudo, pois se eu fosse agradecer por cada coisa que eu quero, faltaria espaço nesse TCC.

Ao Vicente, que mais do que um namorado, foi meu melhor amigo, meu companheiro e meu maior apoiador nesses quatro anos de faculdade. Agradeço também a minha sogra, Soraya, por ter sido uma mulher tão incrível e criado uma das melhores pessoas desse mundo. A vocês, meu profundo respeito e eterno agradecimento por terem entrado na minha vida e por fazerem questão de permanecer.

À Adri, ao Fred, à Lara e Lucy, amigos que a vida me deu e que foram um apoio fundamental, me deram muita felicidade e que, mesmo nem sempre presentes, demonstraram estar junto de mim. Vocês são importantes!

Aos meus nove “odiadíneos”: Adriée, Bruna, Gui, Jayni, Marcela, Nati, Rafa, Roth e Willian. O curso não teria sido o mesmo sem vocês, sem as risadas, brincadeiras e lajes. Obrigada por todo afeto e até mesmo pelas tretas.

Aos professores do curso de jornalismo, que mais do que uma profissão, deram sentido àquilo que para mim sempre foi um sonho. Agradeço especialmente à minha orientadora, Raquel Wandelli, e ao professor Fernando Evangelista, que foram fundamentais pelo meu interesse no jornalismo literário.

Aos personagens-narradores do livro-reportagem, figuras com as quais eu tive a sorte de cruzar na vida e o prazer de ouvir suas histórias. Certamente não haveria livro se não fosse por eles e também para eles.

A todos que de alguma forma e ao longo dessa longa estrada até aqui tenha passado por mim e colaborado na construção de quem eu sou hoje e visto a realização desse sonho.

“O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência.” (MACHADO DE ASSIS, 1899).

RESUMO

“Uma Ilha de memórias: Florianópolis de ontem com as lembranças de hoje” é um livro-reportagem com entrevistas que, a partir da perspectiva de três personagens-narradores, traz lembranças sobre a cidade de Florianópolis. Trata-se de um trabalho voltado à memória afetiva e que busca nas recordações com os entrevistados, entender sua relação com a cidade e, especialmente, com a cultura.

Palavras-chave: Livro-reportagem. Florianópolis. Memórias.

ABSTRACT

"An island of memories: Yesterday's Florianópolis fulfilled with the memories of today" is a book-report filled with interviews that, from the perspective of three narrator-characters, offer memories from the city of Florianópolis. This book-report is built under the affective memory of the interviewees, in which their memories help to understand their relationship with the city and, especially, the local culture.

Keywords: Book-report. Florianópolis. Memories.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	2
2	OBJETIVOS	3
3	JUSTIFICATIVA	4
4	METODOLOGIA.....	7
5	REFERENCIAL TEÓRICO	9
6	ESCOLHAS TÉCNICAS E ESTÉTICAS.....	11
6.1	DESCRIÇÃO DO PRODUTO E PROCESSO.....	11
6.2	ALTERAÇÕES DO PROJETO INICIAL.....	12
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
	REFERÊNCIAS	16

1 INTRODUÇÃO

O livro-reportagem “Uma Ilha de Memórias: Florianópolis de ontem com as lembranças de hoje” trabalha a memória afetiva e a relação das pessoas com a capital catarinense. Através dos relatos e lembranças de três personagens-narradores, o livro quer levar ao leitor uma história da cultura local contada através das pessoas, dando um suporte real e não abstrato a essas memórias. O projeto foi planejado no primeiro semestre e executado no segundo semestre de 2018.

A escolha do formato de livro-reportagem se deu porque este é um tipo de registro que dialoga com diferentes gêneros jornalísticos, permite a utilização de aspectos literários e se constitui como um suporte próprio (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 152-154).

A produção do livro-reportagem permite ainda que seja feita a humanização necessária para o tema proposto neste trabalho: tratar das memórias acerca da cidade. De acordo com Rocha e Xavier (2013, p. 150-151), essa característica “aproxima dados e informações do leitor, fazendo o movimento de deslocamento de algo universal para o âmbito particular ou pessoal”.

As entrevistas realizadas com três personagens distintos compõem em “Uma Ilha de Memórias” a tessitura necessária para formar um conjunto de memórias que dialogam e são passíveis de formar constelações, utilizando a metáfora de Benjamin.

2 OBJETIVOS

GERAL

Reavivar, acionar e compartilhar lembranças de moradores de Florianópolis que marquem o seu vínculo com a cidade, no sentido de salvar do esquecimento essas memórias afetivas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Produzir um material que busque encontrar ligação entre as histórias individuais dos personagens;
- Narrar memórias da cidade não como uma narrativa abstrata que se conta por si só, mas como acontecimentos que só se configuram através e pelas pessoas que viveram ou produziram lembranças dessas memórias;
- Ouvir as memórias para que elas não sejam esquecidas;
- Criar um conjunto de narrativas de memória que, de alguma forma, possa ser objeto de reflexão para esta e outras gerações a respeito dos conflitos entre memória da cidade e o modelo desenvolvimentista imposto a Florianópolis, responsável pelo crescimento desordenado e por uma especulação urbana que apaga os referenciais históricos e afetivos dos lugares.

3 JUSTIFICATIVA

Ecléa Bosi (2013), em seu artigo “Memória da cidade: lembranças paulistanas”, afirma que “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu”. A história e a vida de Carlos Alberto Silva, também conhecido como “homem do chifre”, certamente é uma dessas vidas que não fica na gaveta, afinal, ele foi a força motriz e principal inspiração para a construção deste trabalho. Carlos Alberto – cujo verdadeiro nome eu descobri apenas com a sua morte – foi, durante boa parte da minha infância, uma figura que era ao mesmo tempo bizarra, exótica, divertida e que despertava curiosidade. Com a sua morte, era como se uma parte das minhas memórias de infância no centro de Florianópolis também tivesse morrido. Uma lembrança ia embora, mas quantas mais eu veria partirem? Para onde vão as nossas lembranças quando o tempo passa e nos esquecemos delas? O que é necessário para que tais memórias sejam revividas e como não permitir que elas se apaguem? Desejando manter a salvo os fragmentos do cabedal infinito da memória, decidi registrar as lembranças dos personagens-narradores através de um livro-reportagem. Era preciso contar, narrar e guardar tais lembranças para que, mesmo após a finitude da vida, exista uma inscrição na história sobre elas.

Bosi (2003) diz que “a memória oral é fecunda quando exerce a função de intermediário cultural entre gerações”. Seguindo esse caminho, a ideia deste livro-reportagem é criar um aporte entre as gerações, a fim de que o presente considere como parte viva do contemporâneo as reminiscências do passado. Assim, este projeto participa do esforço de, a partir das narrativas trazidas pelos protagonistas, contribuir para que se aprenda a valorizar e a respeitar a memória individual e coletiva da cidade. As memórias expressam a importância do vínculo afetivo com o lugar, como única possibilidade de uma relação feliz com a pólis e de uma convivência ética no meio urbano, sujeito a mudanças violentas, monumentos que se erguem e outros que vem abaixo, sem considerar esses afetos.

A arquiteta Raquel Rolnik (1994, p. 18), fala sobre a “preservação da memória coletiva, através da conservação de bens arquitetônicos”, o que, de certa forma, é uma maneira de criar um apoio às lembranças (BOSI, 2003). Espera-se com este trabalho contribuir para remontar registros subjetivos de momentos e situações de uma Florianópolis que ficou no passado, mas ainda palpita na memória dos seus protagonistas e, mais do que isso, trazer ao leitor a importância deste suporte da memória (*ibdi.*).

Reunir personagens para tecer suas memórias e fazer com que elas se tornem parte do registro histórico da cidade é uma forma de fugir da memória oficial que está dada, imposta. Trata-se de uma memória abstrata, despersonalizada porque contada por uma voz onisciente, que não tem corpo, nem concretude. São como histórias que fingem ser contadas por si próprias nas páginas dos jornais. Segundo Bosi (1999, p.37, grifos meus), “os livros de história que registram esses fatos [*da história oficial*] são também um ponto de vista, uma versão do acontecido, não raro desmentidos por outros livros com outros pontos de vista”.

À diferença da memória oficial, o desejo aqui é construir uma colcha de narrativas que não se limite a reproduzir fatos já exaustivamente narrados, mas que faça vir à tona, através da entrevista-diálogo, memórias de carne e sangue, que se sustentam sozinhas como lembranças de um eu, mas que, reforçadas por diversos discursos formem uma memória coletiva da cidade. Que essas memórias, subjetivadas pelos sujeitos e objetivadas pela história, individuais e coletivas ao mesmo tempo, venham a se tornar um acontecimento, como fez o repórter-escritor João do Rio, ao compartilhar suas lembranças vivas com a multidão das ruas do Rio de Janeiro na passagem do Império para a República. Para Bulhões (2008, p. 83),

De modo geral, fica um dos elementos definidores da reportagem de João do Rio: há o ficcionista; no repórter, um personagem. O autor dinamizou a atividade jornalística, renovou-a; lançou o repórter na rua, lançou-o à vida vertiginosa e encantadora da cidade.

Lançar-se à vida da cidade e transformar-se ao mesmo tempo em narrador e personagem foi a lição deixada por João do Rio e há muito esquecida pelo jornalismo. Na tarefa de fazer-se narrador, vivenciando a cidade, estando presente e atento aos acontecimentos que são as próprias pessoas, os próprios seres e a própria cidade, o repórter constrói o laço histórico e afetivo entre o jornal, o lugar, seu povo e suas memórias. Em João do Rio, a cidade se torna mesmo um organismo vivo. Porém, o que se percebe nos dias de hoje é justamente o contrário: cada vez mais o jornalista encontra-se enclausurado nas redações, recebendo as informações apenas por telefone e deixando de observar o meio onde as narrativas se produzem. A exemplo de Bosi (1999, p. 37), a ideia deste trabalho não é se utilizar de dados oficiais para confrontar a memória dos personagens-narradores, mas buscar apenas um reencontro de suas lembranças¹ com a cidade.

¹ Em Bosi (1999, p. 49, grifos da autora), “... a lembrança pura, quando se atualiza na *imagem-lembrança*, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Daí, também, o caráter

É necessário então, ao repórter, refazer os caminhos de João do Rio e de tantos outros *flâneurs*² que estabeleceram uma ligação orgânica com a cidade. Muito mais do que um lugar onde cumprir a pauta, a cidade era onde, de fato, a vida acontecia. E o que é a vida humana se não um grande ponto de pauta que pode ser escrito, contado e apurado? É na fusão entre as pessoas, o seu tempo e os lugares que a história se conta. Dosse (2013, p. 92) afirma que “a cada um de nós é o portador de uma memória específica e cuja tessitura constitui densidade histórica de cada cidade”.

não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória. (...) A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada...”.

² Na elaboração de Baudelaire (2006, p. 857): “A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e, contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais que a linguagem não pode definir senão toscamente.”.

4 METODOLOGIA

A partir do tema proposto, buscou-se encontrar personagens que tivessem uma forte relação com a cidade e sua história e que pudessem “refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1999, p. 55).

Em minhas memórias pessoais da infância, busquei um personagem que fez parte do período que morei no Centro de Florianópolis: o artista plástico Valdir Agostinho e seu festival de pandorgas no aterro da Baía Sul, além de diversas outras produções artísticas e culturais que envolviam a cidade com a sua presença.

A partir de Valdir Agostinho, surgiram os nomes de Solange Adão e Irê Silva. A primeira havia sido minha professora na Escolinha de Artes, que, à época, funcionava no mesmo prédio que a Biblioteca Pública. Além disso, Solange também foi colega de trabalho de minha mãe na escola estadual Celso Ramos, no bairro Prainha. O segundo personagem, Irê Silva, sempre presente em minha vida, é meu tio. Porém, investigando mais a fundo, descobri que muito mais que um membro da minha família, o tio Irê é uma figura icônica que merece ter sua parte no levantamento de lembranças a ser realizado. Por vezes ouvi histórias sobre festas que ele fazia em sua casa e que duravam dias. Músico, boêmio e artista, este era mais um dos personagens para este livro-reportagem.

Dessa forma, os personagens deste livro-reportagem, que chamo de protagonistas de memórias, são os seguintes:

- Irê Silva (69 anos) – músico, ex-funcionário do BESC;
- Solange Adão (57 anos) – professora de artes aposentada, integrante do Movimento de Artistas Negros (MAN) e organizadora da Feira Afro Artesanal;
- Valdir Agostinho (63 anos) – músico e artista plástico.

As memórias devem emergir a partir de um diálogo com essas pessoas, dentro do entendimento de que a memória recria os acontecimentos e a narrativa atribui sentidos que não estavam dados. No decorrer dos encontros e das conversas essas fabulações devem surgir, através de perguntas provocativas, que favoreçam o deslocamento dos entrevistados para tempos diferentes de modo a acionar regiões esquecidas ou adormecidas da memória. Dessa forma, pretende-se que dessas lembranças os personagens de Florianópolis eleitos construam histórias marcantes de sua infância e adolescência, tendo a consciência de que elas não oferecem uma reprodução do vivido, mas uma fabulação do narrado. Assim, as histórias

personais inscritas no espaço da cidade, podem compor uma cartografia, um labirinto de lembranças que componham uma possível história da memória afetiva de Florianópolis. Cabe aqui lembrar Bosi (2003) para compreender como as memórias da cidade de um dado grupo escrevem uma cartografia: “Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história”.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

- *A alma encantadora das ruas, de João do Rio (2008)* – O cronista e jornalista João Paulo Alberto Coelho Barreto, mais conhecido pelo pseudônimo de João do Rio, realiza neste livro um verdadeiro inventário da cidade do Rio de Janeiro do início do século XX. O autor evidencia não só as mudanças que a cidade passa a atravessar, mas registra também a vida dos inúmeros personagens que a compõem. Sobre a atuação jornalística de João do Rio, Bulhões (2008, p. 82) diz que “o repórter-cronista vai ao campo degradado dos acontecimentos e de lá retorna, restituindo-se para o mundo “alto” da cidade”.

A partir de tais informações sobre o trabalho de João do Rio, a construção do livro-reportagem “Uma Ilha de memórias: Florianópolis de ontem com as lembranças de hoje” buscará em seus personagens a história construída com base em suas narrações, aquilo que Bosi (1999; 2003) define como um caudal de lembranças que corre sobre o mesmo leito.

- *Hiroshima, de John Hersey (2002)* – O artigo da revista *The New Yorker* – posteriormente convertido em livro – traz a história de seis sobreviventes ao ataque da bomba atômica que atingiu a cidade japonesa de Hiroshima, em agosto de 1945. A reportagem de Hersey descreve a vida desses personagens do dia da explosão até o período da realização da matéria, um ano após o bombardeio.

Nesse romance-reportagem, busco inspiração para narrar as histórias do projeto *Uma Ilha de memórias...*. Embora o artigo de Hersey tenha sido escrito de forma impessoal, a sensibilidade do repórter na construção da narrativa, que parte das pessoas que vivenciaram a tragédia, mostra a importância de dar rostos e nomes ao que se conta em vez de se partir de números e generalizações sem corpo e sem alma. O procedimento de Hersey ensina e inspira a metodologia adotada.

- *Memória e sociedade: lembranças de velhos, de Ecléa Bosi (1999)* – Neste livro, a psicóloga Ecléa Bosi registra histórias de seis personagens anônimos. Trata-se de uma pesquisa acerca da memória individual e coletiva, que traz importantes lembranças da cidade de São Paulo. Na Apresentação da pesquisa, a filósofa Marilena Chauí (1999, p. 31) afirma que

O modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e como lembra, faz com que fique o que signifique.

Com esse entendimento sobre a singularização da memória coletiva na experiência dos indivíduos que se busca construir a tessitura das histórias e conectá-las à

época referenciada pelos narradores, relacionando-as umas as outras. Mesmo que eles não se conheçam, tendo vivido na mesma cidade e desenvolvido uma relação com ela, a memória individual dos personagens acabará por se cruzar e emergir lembranças coletivas acerca de tempos idos em Florianópolis.

6 ESCOLHAS TÉCNICAS E ESTÉTICAS

Sobre o livro-reportagem, Lima (1993 apud CRUZ; ETGES, 2018) diz que “é um produto cultural contemporâneo bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana (...). De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos”. Isso exposto, buscou-se trabalhar a ampliação do contato com a fonte e a extensão da matéria jornalística, a fim de produzir um material rico, que dialogue com o leitor e traga a ele os sentimentos e lembranças trazidas pelos entrevistados.

Outro aspecto importante na produção deste livro-reportagem foi observar e registrar os fatos que vinham do singular e particular para o universal, contando a história e as memórias da cidade como um todo e dando a tais memórias, a humanização necessária (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 151).

Para ilustrar o livro e dar rosto aos personagens, foram tiradas fotografias individuais de cada um dos personagens e também objetos que pudessem representá-los e retratar um pouco do dia e local onde foi realizada a entrevista.

6.1 DESCRIÇÃO DO PRODUTO E PROCESSO

Para a realização das entrevistas foi feito um primeiro contato com os personagens-narradores, visando dar a eles uma breve explicação sobre o conteúdo do trabalho e para marcar a data da conversa com cada um deles. A ordem das entrevistas foi de acordo com a disponibilidade de cada um dos entrevistados, foram realizadas em locais escolhidos por eles e se dispuseram da seguinte maneira: Irê Silva, Valdir Agostinho e Solange Adão.

Todo o material escrito no livro-reportagem está registrado em áudio. As gravações foram feitas com o conhecimento dos entrevistados e foram usadas para uma construção mais fiel e verossímil das falas dos personagens-narradores.

Para as fotografias foram utilizadas duas câmeras: Canon T5i, na entrevista com Irê Silva, e uma Nikon L820 para as imagens feitas com Valdir Agostinho e Solange Adão.

Antes de realizar as entrevistas, também foi elaborado um roteiro de acordo com o tema de interesse sobre o que cada um dos entrevistados poderia falar na entrevista, porém, a ideia principal era que as falas fossem feitas de forma bastante espontânea – o que, de fato, ocorreu. Os temas foram escolhidos de acordo com a área cultural relacionada a cada

entrevistado: Irê Silva e a música; a relação de Solange Adão com o teatro; e as artes plásticas na vida de Valdir Agostinho.

Para poder prestar atenção em todos os gestos, atos e movimentos dos entrevistados, optei por não fazer anotações durante a entrevista, deixando o áudio como único registro para lembrar o que foi falado.

Após a realização das entrevistas, ouvi novamente cada um dos áudios, fazendo anotações sobre o que considerava importante ter no livro, falas relevantes e que estivessem de acordo com a proposta do tema do livro-reportagem. A partir dessas anotações, comecei a escrever, retornando aos áudios sempre que necessário.

A divisão de capítulos foi feita pelas entrevistas, separando cada capítulo para um entrevistado, mas sempre levando em consideração aspectos levantados por eles que pudessem ter relação com as outras entrevistas.

Para abertura do livro, pedi para o meu avô um texto dele de 1952, que fala sobre as impressões dele sobre Florianópolis e faz uma verdadeira declaração de amor à Ilha.

No capítulo final, denominado “Epílogo”, é feito um apanhado geral sobre o que foi dito, relacionando as três entrevistas e o que pude observar de cada uma delas e coloco também minhas impressões pessoais, percepções e o que tive de aprendizado durante a construção deste livro-reportagem.

O produto final foi um livro-reportagem disponibilizado em formato digital (e-book), com capa, sumário, apresentação, três capítulos de histórias e epílogo, além das fotos dos entrevistados, totalizando assim 26 páginas.

6.2 ALTERAÇÕES DO PROJETO INICIAL

O projeto inicial contava com a realização de outras duas entrevistas, totalizando assim cinco narradores-personagens, porém, não foi possível realizar as entrevistas com Uda Gonzaga e Jeruse Romão.

A ideia era montar um livro para ser impresso e disponibilizado no formato físico, mas devido a dificuldades financeiras, tal projeto não pode ser viabilizado desta maneira e o livro tornou-se um *e-book*, disponibilizado no site: https://issuu.com/bwagnerdarocha/docs/uma_ilha_de_memorias.

No projeto, a diagramação e montagem do livro-reportagem seria realizada no programa InDesign, entretanto, devido a minha falta de familiaridade com o *software*, montei

o projeto no site Canva, utilizando modelos disponíveis para conseguir montar o livro da melhor maneira possível.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eça de Queirós (1901, p. 54) diz que “dos três grandes atos, sem os quais, segundo diz não sei que Filósofo, nunca se foi um verdadeiro homem... Fazer um filho, plantar uma árvore, escrever um livro”. Eis então o meu primeiro grande ato: escrever um livro. A ideia de ter um livro com o meu nome escrito na capa sempre foi algo que me agradou, desde criança e posso dizer que mais do que um trabalho de conclusão de curso, a finalização e divulgação deste livro-reportagem é a realização de um sonho.

Porém, como em todo o grande ato, a construção desse livro passou por inúmeros desafios. O primeiro, e talvez o mais difícil deles, foi conseguir vencer a mim mesma, minhas próprias dificuldades e deixar de lado a timidez para realizar a função primordial para a produção de um livro-reportagem, a ida a campo, algo sem o qual é até difícil imaginar a construção desse tipo de suporte (ROCHA; XAVIER, 2013, p 151-152). Apesar de todo o medo e dificuldade de enfrentar tais questões, era preciso fazê-lo. E fiz. E foi algo engrandecedor.

Outro desafio foi encontrar a maneira como escrever um livro-reportagem. Por mais que sejam feitas leituras práticas e teóricas, por mais que tenha lido Eliane Brum, Caco Barcellos, Truman Capote, John Hershey, João do Rio e Daniela Arbex antes de escrever o meu livro, quando sentei para digitar tudo que havia ouvido e vivido nos dias de reportagem, a única coisa que me surgia à frente era a página em branco do programa de edição de textos do computador. Não existe, afinal, uma fórmula certa para se escrever um livro-reportagem. É necessário que o repórter busque nas suas vivências uma maneira de melhor expressar o que viveu. Foi o que tentei fazer.

Por fim, enquanto pessoa política, foi extremamente difícil me desligar dos fatos ocorridos no Brasil nas eleições de 2018. Questionava-me o tempo todo como conseguiria escrever um livro com tantas coisas acontecendo no país. Por vezes me culpei por não conseguir me dedicar o suficiente ao projeto do livro, mas descobri ao longo desse árduo e duro processo que é impossível separar pessoa e jornalista. Espero com o tempo encontrar uma maneira de ter um recorte melhor quanto a isso.

O que levo de lição com esse livro-reportagem foi a de que “só tem graça ser repórter quando nos entregamos à reportagem e deixamos que ela nos transforme” (BRUM, 2008, p. 39). Foi, de fato, transformador reencontrar pessoas e personagens marcantes da minha infância, que foram a fonte de inspiração para este livro. Eu nunca esperaria chegar à idade adulta e sentar para tomar um café com Valdir Agostinho. Ou até mesmo ouvir as

histórias da ex-colega de profissão da minha mãe no antigo colégio Celso Ramos, na Prainha. Fazer essa volta ao passado da cidade (e ao meu passado, de certa forma) foi transformador porque eu retomei laços que até então eu nem sabia que existiam e compreendi um pouco mais sobre a minha própria existência. O jeito de ser do “manezinho” construiu boa parte de quem eu sou e eu não tinha ideia disso! Mas hoje, graças a construção deste livro-reportagem, eu sei disso.

Não considero que seja um produto finalizado, pois sei que preciso e posso encontrar mais memórias da cidade em outros personagens, porém, no dia de hoje, considero que fiz o que estava ao meu alcance para conseguir um breve desenho de uma Ilha de memórias.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: _____. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006. p. 857. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4262678/mod_resource/content/1/O_PINTOR_DA_VIDA_MODERNA.pdf>. Acesso em: 28 set. 2018.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**: Infância berlinense. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. Edição e tradução João Barrento.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. Memória da cidade: lembranças paulistanas. **Estudos Avançados**, [s.l.], v. 17, n. 47, p.198-211, abr. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142003000100012>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000100012&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 out. 2018.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**. Rio de Janeiro, RJ: Globo Livros, 2008.

BULHÕES, Marcelo. João do Rio e os gêneros jornalísticos no início do século XX. **Revista Famecos**, [s.l.], v. 14, n. 32, p.78-84, 14 abr. 2008. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2007.32.3418>. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3418/2681>>. Acesso em: 29 set. 2018.

CRUZ, Mônica Andressa da; ETGES, Hélio Afonso. Livro-reportagem como forma de documentação histórica: análise da obra Holocausto Brasileiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE JOVENS PESQUISADORES EM JORNALISMO, 8., 2018, São Paulo. **Artigo**. [s.l]: Sbpjor, 2018. p. 1 - 16. Disponível em: <<http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/jpjor/JPJor2018/paper/viewFile/1582/580>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

DOSSE, François. O espaço habitado segundo Michel de Certeau. **Artcultura**: Revista de História, Cultura e Arte, Uberlândia, v. 15, n. 27, p.86-96, jul. – dez. 2013. Tradução de Giovanni Ferreira Pitillo. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF27/5.5_O_espaco_habitado_segundo_Michel_de_Certeau.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Tradução de Hildegard Feist.

QUEIRÓS, Eça de. **A cidade e as serras**. São Paulo: Ática, 1901. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000081.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Organização Raúl Antelo.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **Rumores**: Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias, São Paulo, v. 7, n. 14, p.138-157, dez. 2013. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/Rumores/article/viewFile/69434/72014>>. Acesso em: 20 out. 2018.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

